

**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS SERGIPE
- FANESE
NÚCLEO DE PÓS GRADUAÇÃO E EXTENSÃO – NPGE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
ESPECIALIZAÇÃO EM ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
INTEGRADA**

ABRAHÃO CRISPIM DE SOUZA FILHO

**UM PRISMA DA IMPRENSA SOBRE A MULHER
SERGIPANA: década de 70 do século XX**

**Aracaju - SE
2009**

ABRAHÃO CRISPIM DE SOUZA FILHO

**UM PRISMA DA IMPRENSA SOBRE A MULHER
SERGIPANA: década de 70 do século XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão da FANESE, como requisito para obtenção o título de Especialista em Assessoria de Comunicação Integrada.

Orientador: Prof. Eduardo Ubirajara

**Aracaju - SE
2009**

ABRAHÃO CRISPIM DE SOUZA FILHO

**UM PRISMA DA IMPRENSA SOBRE A MULHER
SERGIPANA: década de 70 do século XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós- Graduação e Extensão da FANESE, como requisito para obtenção o título de Especialista em Assessoria de Comunicação Integrada.

Sergio Galvão

Avaliador(a):

Isabel Cristina Barreto Silva

Coordenador(a):

Abrahão Crispim de Souza Filho

Aluno(a):

Aprovado com média: _____

Aracaju (SE), ____ de _____ de 2009

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral apresentar depoimentos e bases teóricas sobre as lutas travadas pelas mulheres sergipanas no decorrer da década de 1970, com relatos de experiências vivenciadas por elas. Como se sabe, o Brasil naquele período vivia sob uma ditadura militar, e em Sergipe, a situação não era diferente. A imprensa sofria perseguições e censuras, com isso, não se tem muitos registros da participação das mulheres na luta pela sua emancipação e por liberdade. Trata-se de uma análise descritiva de campo. A maioria das informações foi coletada de forma documental, bibliográfica e de acordo com entrevistas e depoimentos de algumas personalidades que vivenciaram os anos duros daquela década e que guardam na memória, vindo a contribuir com a história das mulheres sergipanas, cuja memória ideais não podem ser esquecidos. Isto porque servirá também como material de pesquisa para gerações futuras, aumentando o acervo para outros estudos e a pesquisa. O artigo também destaca a participação da imprensa alternativa, que se contrapunha ao governo militar já que as publicações oficiais eram censuradas as revistas destinadas ao público feminino só mencionavam assuntos apolíticos, como culinária, novelas e outros temas irrelevantes a educação das leitoras. No exercício de suas lideranças, nas áreas de atuações e no dia-a-dia, mesmo vivendo em uma sociedade machista, essas bravas mulheres conseguiram pavimentar os seus caminhos como desbravadoras servindo de base às atuais conquistas. As suas lutas, sofrimentos e vitórias se transformaram nos dias atuais em direitos de todas. Conquistas que foram transformadas em leis, muitas das quais incluídas na Constituição Federal, apesar de muitas delas ainda não serem colocadas em prática.

Palavras-chave: Mulheres sergipanas, Mulheres na década de 1970, Lutas do público feminino.

ABSTRACT

This article aims to provide general and theoretical statements about the struggles of women Sergipe during the 1970s, with reports of experiences for them. As you know, in Brazil at that time lived under a military dictatorship, and Sergipe, the situation was no different. The press suffered persecution and censorship, with it, do not have many records of women's participation in the struggle for emancipation and freedom. This is a descriptive analysis of the field. Most information was collected in a documentary, literature and according to interviews and testimony from some individuals who experienced the hard years of the decade and hold in memory, been contributing to the history of women Sergipe, whose memory may not be ideal forgotten. This is because it will also serve as research material for future generations, increasing the collection to other studies and research. The article also highlights the participation of the alternative press, arguing against the military government as the official publications were censored magazines aimed at female audiences only mentioned apolitical issues, such as cooking, drama and other issues irrelevant to the education of readers. In exercising its leadership in the areas of performances and day-to-day, even living in a sexist society, these brave women have paved their paths taming serving as the basis for current achievements. Their struggles, sufferings and victories have become the present-day rights of all. Achievements have been turned into laws, many of which are contained in the Federal Constitution, although many of them are not yet put into practice.

Keywords: Women Sergipe, Women in the 1970s, fights female audience.

SUMÁRIO

RESUMO.....	04
ABSTRACT.....	05
1 INTRODUÇÃO.....	07
1.1 Situação Problema.....	09
1.2 Objetivos.....	09
1.3 Justificativa.....	09
1.4 Procedimentos Metodológicos.....	10
2 A COMUNICAÇÃO E A IMPRENSA.....	11
3 IMPRENSA FEMININA.....	17
4 DÉCADA 70.....	21
5 ANÁLISE DE RESULTADOS.....	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE A - Fotos.....	32
ANEXO A – Roteiro de Entrevistas.....	37
ANEXO B – Depoimentos das entrevistadas.....	39

1 INTRODUÇÃO

Nos primórdios da civilização, as mulheres viviam em estado de inferioridade em relação aos homens, estando excluídas do mundo do pensamento e do conhecimento, limitando-se apenas aos afazeres domésticos e maternos, sendo até comparadas aos escravos.

Na Grécia, a mulher ocupava posição equivalente a do escravo no sentido de que tão somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre. Em Atenas ser livre era primeiramente, ser homem e não mulher, ser Ateniense e não estrangeiro, ser livre e não escravo. (ALVES, PINTANGUI, 1985, p. 11)

Durante muitos séculos a mulher permaneceu à parte do mundo real, sendo atribuído a ela apenas qualidades abstratas; como beleza, suavidade, doçura, que a deixavam na nulidade no meio social. Um dos principais fatores que contribuiu para a exclusão da mesma, tanto dos pontos de vista sócio, político, cultural e econômico, foi a ausência de um nível educacional.

No entanto, ao mesmo tempo em que se desenvolve a instrução masculina em vários níveis, a educação da mulher sofre revezes, tanto no campo do preparo profissional, quanto no da formação intelectual. Não se tem registro de mulheres freqüentando universidades até meados do século XIX. (ALVES, PINTANGUI, 1985, p. 28)

Diante deste quadro pode-se perceber e entender o porque do atraso no surgimento da imprensa feminina. A presença desta face da imprensa dentre outros fatores, está relacionado com a ampliação do papel da mulher na sociedade.

Contudo, ao longo dos anos, o mundo passou por diversas transformações, com novas normas e valores a serem seguidos. Uma dessas mudanças pode se dizer que foi o início da fase capitalista na Europa, acarretando o surgimento da imprensa no século XV. Mas só dois séculos depois, em 1693, aparece a imprensa feminina, na Inglaterra.

“O primeiro período feminino de que se tem notícia surgiu em 1693, na Inglaterra. Foi o Lady’s Mercury, que trazia até um consultório sentimental – seção que iria gozar de enorme sucesso na maioria dos veículos da imprensa feminina.” (BUITONI, 1986, p. 25). Entretanto, esse tipo de imprensa só veio surgir no Brasil no século XIX, como relata Buitoni (1981). Momento em que nossa sociedade passava por transformações por conta da vinda da família real.

A existência da corte passou a influir na vida da mulher do Rio de Janeiro exigindo-lhe mais participação. O Rio estava deixando o seu caráter provinciano para ser uma capital em contato com o mundo. Dente deste contexto, a moda assumiu grande importância para a mulher que morava nas cidades, ainda mais se fosse na corte. As tendências européias eram copiadas e aí entra o fator imprensa, primeiro com a importação dos figurinos vindo de fora e depois com a publicação, aqui, de jornais e revistas que reproduziram gravuras de moda. (BUITONI, 1981, p.11 - 12)

É importante ressaltar que, no século XIX, a imprensa era um subproduto da imprensa literária, pois naquela época os jornalistas eram literários, homens de letras que escreviam para os jornais seguindo o estilo Francês. Sendo assim, entende-se porque o jornalismo feminino se resumia em moda e literatura.

Porém no início do século XX, a imprensa no Brasil passava por transformações, deixa de ser artesanal, para ser uma imprensa industrial adotando o modelo americanizado.

A capital da república estava ficando cada vez mais cosmopolita. A população aumenta, a cidade se espalha, surgem os jornais de bairro. Já havia público para revistas mundanas, ricas e luxuosas, favorecidas pelo desenvolvimento das artes gráficas, que apresentavam belas ilustrações e até fotografias.

Aliás, o novo século marca o início da utilização da fotografia na imprensa brasileira. A imagem toma mais e mais espaço no texto e já não dependia somente da litografia e da xilogravura. (BUITONI, 1981, p. 33)

Assim, a imprensa feminina no Brasil obteve seu auge no século XX, momento que a imprensa brasileira ingressava na era capitalista. Também, nesse mesmo século, em meados da década de 1970, surgem

[...] inúmeras organizações que atuam como núcleos congregadores de grande número de mulheres. Desenvolviam atividades permanentes – grupos de trabalho, pesquisas, debates, cursos, publicações – e participam de campanhas que levaram milhares de mulheres às ruas por suas reivindicações específicas." (ALVES, PINTANGUI, 1985, p.58-59). É nesse mesmo período que se desenvolve o crescimento social da mulher em meio ao período turbulento da ditadura militar, denominado “Anos de Chumbo”.

Para Bueno, (2003, p. 376), “[...], o Brasil do general Médici se revelaria um país ainda mais repressivo do que fora na época do Estado Novo [...]”

Nunca houve tanta censura à imprensa, nunca houve tanto cerceamento às liberdades individuais e de pensamento. E nunca se escutaram tão poucas críticas – a não ser quando espocavam os tiros disparados pela guerrilha urbana e rural (dos quais Médici veria o apogeu e a decadência), lembra Bueno (2003).

Apesar deste momento de repressão, o feminismo ressurge como movimento de massa, com inegável força política e enorme potencial de transformação social. É nesse âmbito, que cresce a participação de mulheres nos grupos militantes.

Sob uma ditadura militar, mas com o apoio da ONU, a mulher brasileira passou, então, a ser protagonista de sua própria história, em que a luta por seus direitos específicos se fundia com as questões gerais. Respondia de maneira forte aos anseios da época: de se expressar, de falar, de enfrentar, de agir. (TELES, 1993, p. 85)

Em Sergipe, a situação não foi diferente, sob o governo de Lourival Batista e em seguida sob a direção de Paulo Barreto, não só a sociedade civil, mas o poder Legislativo e também o Judiciário sofreram medidas coercitivas.

[...] no dia seguinte à edição do quinto Ato Institucional, começaram as prisões dos estudantes que haviam participado do congresso da UNE em Ibiúna (SP), acrescidas de mais sete ou oito pessoas. Vários outros cidadãos que foram presos nos primeiros meses do movimento voltaram a ser convocados para depor. (DANTAS, 2004, p. 182 e 183).

Apesar das perseguições e da censura existiram as imprensas alternativas, criadas pelos militantes que seguiram uma linha de oposição ao governo, entendendo assim, a sua curta duração. Mas também existiram jornais a favor do governo, como “O Diário de Aracaju”.

Por conta desse regime repressivo, a imprensa limitava-se em moda, culinária, tricô, etc. Para se ter uma idéia, até notícias sobre epidemia eram vetadas. Já as revistas femininas, além de usar esses assuntos mencionados acima, o sexo era o tema mais freqüente na década de 1970.

Contudo, cansada desse período de alienação e por tantos outros que vinham sofrendo, muitas sergipanas ingressaram nos grupos militantes, passando a se rebelar contra essas situações.

1.1 Situação Problema

Durante o curso ora concluído, pôde-se observar que a mulher na imprensa, assim como em todas as demais atividades, foram exploradas e excluídas do processo de desenvolvimento sócio-econômico e político. E uma vez delimitado o período de maior questionamento, escolheu-se a década de 70 do século passado, para diagnosticar este problema.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral:

Apresentar depoimentos e bases teóricas sobre as lutas travadas pelas mulheres sergipanas no decorrer da década de 70 do século XX.

1.2.2 Específicos:

- a) Conhecer os acontecimentos marcantes dos anos 70;
- b) Mostrar a realidade da mulher e suas lutas na sociedade dos anos 70;
- c) Apresentar a participação feminina no contexto cultural na história de Sergipe.
- d) Expor a presença da mulher sergipana na imprensa da época.

1.3 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo assunto deve-se ao fato de que, durante a disciplina de Ética e Responsabilidade Social, chamou atenção deste autor deste trabalho à ausência da mulher nas atividades, o que resultou em buscar dados históricos, via documentos e entrevistas.

O artigo pretende retratar algumas das contendas travadas pelas mulheres sergipanas na década de 70. A sociedade brasileira vivia em plena ditadura militar e mesmo assim muitas mudanças ligadas à mulher aconteceram.

Também será uma homenagem às mulheres que vivenciaram esse momento histórico e de alguma forma participaram direta ou indiretamente no contexto de mudanças daquela época e tiveram destaque perante a sociedade.

Tendo em vista o ineditismo do artigo – uma vez que não existe nenhum material, até o exato momento abordando esse tema, - e por ter um teor histórico embasado nas referências bibliográficas, assim o trabalho visa contribuir culturalmente para a sociedade.

É certo que as mulheres do mundo lutaram contra o machismo e o preconceito. Em Sergipe esta luta parecia mais discreta, mas não menos importante para que a mulher conquistasse a sua independência.

O artigo tem ainda como intuito cultural, através de entrevistas com cidadãos que se destacaram naquela década, registrando as experiências vivenciadas por elas, objetivando deixar para gerações futuras, uma parte da história das mulheres sergipanas que lutaram pela sua emancipação.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho tem uma abordagem metodológica de caráter histórico, ressaltando o caso das mulheres sergipanas. A pesquisa foi discutir, quanto aos fins, de campo por meio de entrevistas e bibliográfica. Também tratou-se de uma investigação qualitativa, quanto à abordagem dos dados, vez que não houve mensurações dos mesmos. Buscou-se interpretar, automaticamente as informações coletadas. Foram 6 (seis) pessoas entrevistadas, selecionadas propositalmente, seguindo o grau de conhecimento, sobre o tema.

2 A COMUNICAÇÃO E A IMPRENSA

“A comunicação não é um fenômeno isolado nem contemporâneo. Como atividade humana, é necessário, considerá-la integrada aos processos culturais [...]” (PINTO, 1995, p. 5).

Nos primórdios das civilizações, os primeiros meios de comunicação foram o gesto e a fala. “Com a evolução dos tempos os homens sentiram a necessidade de registrar os fatos e idéias. [...]”. “[...] Foi então que surgiu na Mesopotâmia há cerca de seis mil anos atrás, a escrita como o grande instrumento para a formação das pessoas [...].” (Jornal o Povo).

Essas evoluções acarretaram em mudanças no comportamento do ser humano, havendo a necessidade de estar se relacionando com o outro, tornando-se um ser social.

Como processo social básico, a Comunicação representa o alicerce da vida em sociedade. Mas a necessidade de Comunicação não se resume a um simples intercâmbio de informações entre os indivíduos de uma mesma geração, compreendendo também o registro dessas informações, com vistas às gerações futuras. (MELO, 2004, p. 31-32).

Segundo Bordenave (1982), a comunicação e sociedade andam juntas. Uma não existe sem a outra.

“A comunicação significa o próprio momento da Humanização [...]” (MELO, 2003, p. 31). Portanto, a partir do momento que o homem começa a interagir com o próximo em uma sociedade, utilizando assim a comunicação como ponte para essa interação, inicia a interiorização dos seus padrões, formando, nesse momento, sua cultura. Outro fator importante nessa interação é a troca de informações, pois a informação é considerada um dos instrumentos fundamentais da liberdade de expressão do indivíduo, além de produzir reflexões e gerar conhecimento. E essa liberdade foi ampliada com aparecimento da imprensa.

A imprensa ocidental surgiu em 1445, por Johann Gutemberg. Esse feito desempenhou grande papel na difusão das idéias e na cultura, tornando assim, a leitura mais valorizada e socializada na sociedade. Além disso, possibilitou maior velocidade na circulação das informações. (JORNAL O POVO)

A imprensa surge, portanto, na Europa, nos fins da Idade Média, no bojo de algumas transformações estruturais, como por exemplo: desenvolvimento do comércio interno e aparecimento das indústrias; renascimento e expansão da vida urbana; criação das universidades e formação de uma nova elite intelectual. (MELO, 2003, p. 34).

A imprensa serviu para atender as necessidades de produção de livro, que estava cada vez mais crescendo, por conta da elite intelectual, que se formava nas universidades e também pelo movimento Renascentista.

As atividades de impressão serviram também como suporte para o desenvolvimento das atividades da nascente burguesia comercial e industrial, dando letra de forma aos instrumentos da sua complexa engrenagem burocrática (letras de preços, etc.) Ou, então, atenderam às necessidades da organização administrativa das cidades e dos principados (guias para recolhimento de impostos editais, proclamações, avisos, formulários, etc.). (MELO, 2003, p. 42).

“De igual modo, a imprensa atenderia aos interesses da Igreja [...]” (MELO, 2003, p. 42), já que a esta detinha um grande poder político, econômico e militar na Idade Média controlando as informações e impondo as suas idéias com verdades absolutas.

Além das necessidades institucionais, havia a necessidade popular de obter informações e manter-se em dia com os acontecimentos da época, fenômeno que geraria a imprensa periódica cujas manifestações são as relações e as folhas volantes. (MELO, 2003, p. 43).

Já no Brasil, comparado com os demais países, a imprensa surge, com atraso, em 1808, por ser, naquela época, Colônia de Portugal.

“Fora ela até então vedada a colônia brasileira, mas como a feição do regime ia mudar, para melhor franquias, era o próprio príncipe regente que – por um desses contrastes históricos – tinha de fundar a imprensa no Brasil.” (COSTA, 1982, p. 95).

Na transferência da corte real para o Brasil, vêm junto os prelos destinados a Secretária do Estado, dos negócios e da guerra de Portugal. E visando a necessidade e por estarem acostumados aos progressos de uma capital Européia, tornou-se necessário, naquela época, funcionar aqui a máquina administrativa do governo, baixando, assim, decretos e fundando várias instituições inclusive uma oficina de Impressão.

Para Ipanema, citado por Melo; “criaram-se logo os principais tribunais para a administração das finanças e da justiça; promulgou-se um decreto permitindo o livre exercício de toda a espécie de indústria; instituíram-se várias repartições de segunda ordem para regularizar o comércio e outros objetos; e finalmente estabeleceu-se a Imprensa Régia. Fundaram-se uma Academia Militar e outra Cirurgia, abriram-se ao público as portas da Biblioteca Real, que continha 60 mil volumes [...]” (MELO, 2003, p. 88).

De acordo com Melo (2003, p. 90), “[...] o seu mais significativo produto é, sem dúvida, o jornal Gazeta do Rio de Janeiro, cujo primeiro número circula no dia 10 de setembro de 1808, iniciando assim o jornalismo nacional.” A Gazeta do Rio de Janeiro obteve grande aceitação. Com isso, deixou de ser semanal, tornando-se bissetimanal, e mudando de denominação duas vezes.

No entanto, no Brasil já circulavam, clandestinamente, outros jornais impressos produzidos fora do país, como o Correio Brasiliense. Isso se deve à censura que proibia qualquer manifestação de pensamento.

Hipólito da Costa fundou, dirigiu e redigiu o Correio Brasiliense, em Londres, durante todo o tempo de vida do jornal. O número inaugural deste apareceu a 1ª de junho de 1808, três meses antes, portanto, da data em que surgiu a Gazeta do Rio de Janeiro na Corte. (SODRÉ, 1999, p. 21-22).

À medida que se estabeleciam as condições políticas, econômicas e culturais no Brasil, a imprensa se desenvolvia, acarretando no aparecimento de vários meios de comunicação.

“A radiodifusão estreou no Brasil na abertura da Exposição do Centenário da Independência, em 1922, no Rio de Janeiro.” (PINTO, 1995, p. 43).

Nessa exposição, foi transmitido o discurso do Presidente Epitácio Pessoa para a cidade de Niterói, Petrópolis e São Paulo. Após seis meses, início de 1923, foi inaugurada a primeira rádio, denominada “Sociedade Rádio do Rio de Janeiro”, por iniciativa de Roquette Pinto. A partir desse momento, inicia-se a proliferação de emissoras por vários outros estados, porém seus efeitos só se fizeram, na década de 1930.

No estado de São Paulo, esses efeitos, por exemplo, vieram ser sentidos, devido a influência dos imigrantes, como italianos e africanos, trazendo, além das músicas, diversos hábitos culturais, que muitas vezes, mesclaram-se e tornaram-se populares. Esses elementos culturais eram manifestados nas festas coletivas, serões, circos, etc. Além, de existir conjuntos e músicas que percorriam as cidades em serestas ou se apresentavam nos diversos bairros, seriam esses protagonistas que estariam sendo divulgados pelo rádio.

O rádio não constituía portanto, um espaço autônomo de produção musical. Ele tinha necessidade de atrair músicos que se firmaram, muitas vezes, em outros espaços. Cantores, músicos, instrumentistas, vinham para se apresentar nesse novo veículo, que era essencialmente um espaço de divulgação. (DUARTE, 2004, p.17).

A atividade radiofônica se consolidou a partir desses elementos e dos espaços musicais já existentes na cidade. Pequenos conjuntos, cantores, instrumentistas, amadores ou quase junto com alguns poucos profissionais, disputavam a chance de serem ouvidos a partir das ondas sonoras – as quais aliás, não atingiam um número expressivo de ouvintes. (DUARTE, 2004, p. 14).

Deve-se a isso ao alto custo dos aparelhos receptores e à falta de eletricidade na maioria dos casos. No entanto, “[...] o amadorismo era, tanto nas instalações das emissoras, como na estruturação do que era produzido e transmitido.” (DUARTE, 2004, p. 14), caracterizando-se, dessa forma, por falta de recursos.

Já no ano de 1931, o rádio começa apresentar mudanças, sua programação passou a ter horário. Diante dessa organização, os atores passaram a procurar o veículo para se apresentar e divulgar seus filmes, além das propagandas que começaram a ser veiculadas.

É nessa época, também, que se inicia efetivamente uma diversificação na programação destinada ao público feminino com a transmissão de palestras. Outro fator importante foi o aparecimento do jornal falado em 1932. Percebe-se, diante desse quadro, o surgimento de uma linguagem coloquial, que tinha uma maior aproximação com o público.

Logo, em “[...] 1º de março de 1932, pelo Decreto n. 21111, o governo provisório regulamentava os serviços de radiodifusão, numa prova de que aquele meio de comunicação já se consolidara no país.” (PINTO, 1995, p. 49).

Até os anos 50, eram o rádio e a imprensa escrita que detinham o monopólio da informação. A televisão, hoje onipresente, apenas engatinhava – basta dizer que a primeira emissora do país e da América Latina, a TV Tupi de São Paulo, de propriedade de Assis Chateaubriand, foi inaugurada em setembro de 1950. (ABREU, 2002, p. 8).

Segundo Hingst (2004), a década de 1950 é marcada por avanços tecnológicos, a televisão é um desses, que iria influenciar os hábitos e costumes das pessoas. Porém foi a partir da década de 70 que ela se tornaria um veículo de comunicação de massa.

O primeiro programa da TV brasileira se chama TV na Taba, sendo de caráter experimental, pois a maioria dos técnicos e artistas vinham da rádio Tupi.

Nos primeiros anos após a inauguração da TV Tupi de São Paulo, a televisão atingia um público muito restrito e se caracterizava pela improvisação e a utilização de modelos de programação copiados do rádio. Em 1955 foi criada a TV Rio e logo em seguida surgiram outras emissoras, que começaram a competir por audiência e publicidade. Mas foi a entrada no mercado da TV Globo, em 1965, que alterou o padrão da televisão no Brasil. Começou então a haver maior profissionalização, mais competitividade e o conteúdo dos programas televisivos foi radicalmente alterado. (ABREU, 2002, p. 16-17).

Esses veículos de comunicação tiveram maior modernização, a partir regime militar, servindo como elementos de estratégia para impor sua ideologia. “De qualquer maneira, todos esses meios na sociedade capitalista, comercializam essa mercadoria especial que é a informação. São meios que vendem informação: quem controla a informação, controla o poder.” (SODRÉ, 1999, p. 15).

Porém, em Sergipe, as informações só passaram a serem veiculadas em 1832, com o jornal Recopilador Sergipano.

“Primeiro Jornal de Sergipe, de que se tem notícia, Recopilador Sergipano começou a ser publicado em 3 de setembro de 1832, em Estância. Foi seu fundador o monsenhor Antônio Fernandes da Silveira, cognominado pai da imprensa sergipana.” (TÔRRES, 1993, p. 21). No início os jornais não possuíam um corpo organizado e havia neles um espírito independente, com uma linguagem agressiva, como relata TÔRRES. (1993, p.21).

“No interior da província os jornais eram de pequeno formato, em regra mal – impressos. Tinham quase todos os programas sem alcance, vazios, mais inclinados às notícias falazes, tendenciosos [...]”. (TÔRRES, 1993, p. 14).

“Na época, os jornais eram sempre de curta duração, tendo sido de vida mais longa os que mantiveram contrato oficial para publicação dos atos do governo provincial.” (TÔRRES, 1993, p. 13). Esse quadro se explica, porque os jornais eram em sua maioria partidários.

Um exemplo claro dessa relação entre os jornais e a política é o jornal Gazeta de Sergipe, que surgiu em 1950, sob direção de Orlando Dantas, chegando a tramar eleições de governo em sua redação. Em 1964, foi criado O Diário de Aracaju, com tendência governista e anticomunista. Sob direção de Raimundo Luiz da Silva, veio para fazer a Gazeta e divulgar a ideologia militar.

Enquanto o impresso em Sergipe já possuía um histórico, a rádio vem apontar, no Estado, na década de 1920.

Com a nomeação do interventor Eronildes de Carvalho foi que Sergipe ganhou sua primeira emissora de rádio, em 30 de junho de 1939. Surgiu a Rádio Difusora de Sergipe, hoje chamada de Rádio Aperipê AM, sendo esse nome uma homenagem ao Cacique Aperipê, que havia chefiado uma tribo de índios em Sergipe. Sua programação tinha seu conteúdo voltado para a educação e a propaganda de interesse do governo e contava com nomes de destaques na radiodifusão da época como João Melo, Guaraci Leite França, João Bezerra, Sodré JR. e Santos Santana.

Logo após, em 1953, surge a segunda emissora no estado, a rádio Liberdade AM, que veio para atender os anseios do grupo Udenista, que tinha como líder sergipano Leandro Maciel. Até então as rádios existentes no estado tinham conotação político – partidária.

Porém, só, 1958, nasce mais uma emissora, a rádio católica fundada pelo Bispo Dom Vicente Távora, almejando evangelizar e educar através do Movimento de Educação de Base para todos os municípios de Sergipe e o estado de Alagoas e Bahia. Em seguida surge a rádio Jornal AM, proveniente da divergência entre UDN e PSD. Depois em 29 de junho de 1968 é inaugurada a Rádio Atalaia AM.

O Rádio já se encontrava em fase avançada no estado, quando a televisão iniciou seus primeiros passos em 1971, com a criação da TV Sergipe, canal 4.

A TV Sergipe foi inaugurada, em 15 de novembro de 1971, no início a filiada à Rede TUPI de televisão, hoje integrada à Rede Globo. A emissora pertence ao empresário e político Albano Franco e faz parte das organizações Augusto Franco.

Em 1975, surge a TV ATALAIA. No ar há 30 anos, já foi filiada a Rede Bandeirantes mudando nos anos 1980 para o SBT - Sistema Brasileiro de Telecomunicações. Hoje, como canal 8, é de propriedade de Walter Franco, sendo filiada a Rede Record.

Essas emissoras de TV surgem em pleno regime militar servindo como instrumento de difusão da ideologia desse governo. Nesse período os veículos de comunicações sofrem censura prévia, com mais um Ato Institucional imposto pelos militares.

Logo após a edição do AI-5, ...os dirigentes de veículos de comunicação foram convocados ao quartel do 28º BC” a fim de receber instruções sobre os procedimentos a serem seguidos pelos jornais a partir de então. Quase diariamente chegavam os telegramas informando as proibições. (DANTAS, 2004, p. 41)

Já em maio de 1985 foi fundada a TV Aperipê, emissora pública mantida pelo governo estadual e afiliada a TV Cultura.

Assim, percebe-se ao longo dos anos, o desenvolvimento e a expansão dos meios de comunicação, a medida que surgem as condições políticas, econômicas e culturais.

3 IMPRENSA FEMININA

A mulher, durante muitos anos, foi colocada no alicerce de ser uma imagem, servindo apenas como um retrato dos desejos e fantasia dos homens. Para ter uma idéia da submissão que a mulher era obrigada a suportar, as mesmas não tinham direito de nada, não podiam pensar, sentir, querer, etc. Para não dizer que a mulher estava fora de qualquer papel importante no seio da sociedade, ela tinha o dever de cuidar dos afazeres domésticos e da procriação.

Pretende-se dizer, que a mulher vem sendo obrigada a seguir o comando masculino e patriarcal em detrimento do seu livre arbítrio, vivendo, assim, como objeto da vontade de outrem. Às vezes isto ocorre na condição de símbolo de prazeres sexual e, em outros momentos, exercendo o papel de dona – de – casa, esposa paciente e mãe carinhosa.

Contudo não seria elegante camuflar a história onde houve homens que também foram reprimidos e subordinados, mas não por serem homens e, sim, por razões externas, diferente das mulheres que foram perseguidas e maltratadas pelo simples fato de serem mulheres.

No saber instituído pela filosofia e pela história, a palavra dos “grandes homens” esclarece sobre a ‘verdadeira’ natureza da mulher, repondo sem cessar, nos espaços interdiscursivos, representações pejorativas sobre o feminismo que delimitam seu lugar no mundo, suas possibilidades e as práticas às quais ela deve se restringir. (SWAIN, 2001, p. 70).

Schopenhauer, citado por Swain (2001, p. 71), afirma que “Não deveriam existir no mundo senão mulheres de interior, dedicadas à casa e jovens aspirando a isto e que formaríamos não à arrogância, mas ao trabalho e à submissão.”

Nietzsche, citado por Swain (2001, p.71), diz que “O homem inteligente deve considerar a mulher como uma propriedade, um bem conservado sob chave, um ser feito para a domesticidade e que só chega à sua perfeição em situação subalterna.”

Esses fatores justificam a forma como a imprensa feminina é produzida, tornando a mulher despolitizada. Nota-se pelos temas abordados, moda, beleza, culinária, decoração, novela, etc. Em geral, no início, as revistas e os jornais tinham o formato semelhante, porém o que fazia distinção entre os dois era o conteúdo.

Considerava-se revista uma publicação que, mesmo tendo aparência de jornal, apresentasse maior variedade de conteúdo, principalmente ficção, poesia, relatos de viagens e outras matérias de entretenimento. (BUIIONI, 1986, p. 17).

Com o desenvolvimento da indústria gráfica, aprimorou-se o aspecto visual das revistas, tornando-as luxuosas, por isso, “[...] a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência”. (BUIIONI, 1986, p. 17).

Visando reforçar hábitos de consumo, a revista feminina tornou-se um produto do mercado capitalista, como peça fundamental para publicidade dos produtos das indústrias de cosméticos, moda e outros.

[...] a imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura, logo depois acompanhado pelo da moda. Nos primeiros tempos, moda e literatura dividiam as atenções. Os direitos femininos entraram em cena nos séculos XVIII e XIX, às vezes como dominantes. Paralelamente, os signos da utilidade iam-se introduzindo e ganhando espaço; trabalhos manuais, conselhos de saúde, de economia doméstica. (BUITONI, 1986, p. 22).

A imprensa feminina está ligada a um contexto histórico e reflete os costumes de cada época.

O primeiro período feminino surge na Inglaterra, em 1693. Já na Alemanha, apareceu em 1774, o *Akademie der Grazien* que, além de utilizar poesias e charadas, inovou com o horóscopo.

É na Alemanha e também na Áustria que se criam veículos voltados especificamente para a moda, visando atender costureiras e modistas. Porém, a *L'Iris* foi a primeira empresa a publicar moldes de roupa, com o nome de *coupes géométriques*. Contudo, os assuntos tratados pelas revistas eram restritos a uma pequena parcela da sociedade.

A imprensa feminina no seu início era produto da elite, apenas as mulheres da burguesia e da aristocracia eram letradas. Entretanto, esse quadro começou a mudar na segunda metade do século XIX, nos EUA.

Em 1869, as revistas passaram a ser vendidas em lojas comerciais e livrarias, livrando-se da sujeição dos correios, quadro esse que também ocorreu na Europa.

No fim do século XIX, devido à facilidade de aquisição física e também pelo progresso do comércio de moldes, a imprensa feminina aumentou sua tiragem consideravelmente. “Em termos de Europa, foi na França que a imprensa feminina mais floresceu, servindo depois de modelo para a incipiente similar brasileira.” (BUITONI, 1986, p. 26).

O *Espelho Diamantino*, primeiro periódico feminino brasileiro surgiu, em 1827, abordando assuntos sobre política, literatura. O *Espelho das Brasileiras* foi lançado na cidade de Recife em 1831. Já no Rio de Janeiro esse tipo de imprensa só vai aparecer em 1839, com o *Correio das Modas*.

Com a necessidade de renovar os jornais, surgem os folhetins – “[...] era o nome genérico de uma espécie de rodapé dos jornais, lugar comum de variedades, pequenas notas sobre teatro, resenhas literárias, crônicas mundanas, etc”. (BUITONI, 1986, p.38). Seguida a tendência francesa, o folhetim apontou no Brasil, “[...] em 1838, com a publicação, no jornal do

Comercio, de “O Capitão Paulo”, traduzido do francês”. (BUIIONI, 1986, p. 38).

O folhetim foi cada vez mais sendo ocupado pelos romances, deixando de ser utilizados por temas variados. Vários romancistas, como Alencar, Macedo e Machado de Assis, serviram-se dessa seção para teste, e a depender do resultado publicavam seus livros.

“Bem impressa, com excelentes figurinos, A Estação foi a mais importante revista feminina do fim do século. Quincas Borba, de Machado de Assis, foi publicado em série nas páginas de A Estação, de 1886 a 1891.” (BUIIONI, 1986, p. 39).

No início do século XX, com o nascimento das empresas jornalísticas, os jornais começaram a se distanciar da literatura, levando os literatos a buscarem trabalho nas revistas ilustradas. Algumas dessas revistas foram tornando-se mais adequada ao público feminino, como por exemplo a revista ‘A Cigarra’, com bastante texto literário e grande volume de página, além de tratar de moda, penteados, etc. Porém, a revista feminina de maior desempenho foi a Revista Feminina por inovar no esquema comercial, na qual fazia parte de uma empresa que fabricava e comercializava os produtos destinados à mulher.

A Revista Feminina apresentava um toque de modernidade não só nos produtos que anunciava, mas na diagramação bastante inovadora para a época. Sua força estava demonstrada no número de suas páginas, 90 em média. Essa publicação pode ser considerada como precursora das modernas revistas brasileiras dedicadas à mulher. (BUIIONI, 1986, p. 45).

Assim, como o folhetim a fotonovela também é importada da Europa para complementar a imprensa feminina brasileira, em 1951, através da revista Grande Hotel, editada pela Vecchi.

A Revista Feminina apresentava um toque de modernidade não só nos produtos que anunciava, mas na diagramação bastante inovadora para a época. Sua força estava demonstrada no número de suas páginas, 90 em média. Essa publicação pode ser considerada como precursora das modernas revistas brasileiras dedicadas à mulher. (BUIIONI, 1986, p.45).

A grande imprensa feminina no Brasil inicia com a revista Capricho da editora Abril, que tem como um dos seus atrativos a fotonovela completa numa edição diferenciando-se das demais.

Devido ao crescimento das indústrias voltada para a mulher, e ampliação da classe média nos anos 1950, a relação entre consumo e imprensa feminina se estabeleceu com intensidade e progressão, obedecendo metas empresariais.

Assim, surge a revista Claudia com novo modelo de editar moda, beleza, culinária e decoração, buscando estimular o consumo emergente.

“Claudia é uma revista que procura adequar-se às exigências do mercado. Houve época de publicar reportagens mais polêmicas, temas mais intelectualizadas, mas seu grande filão, além da moda, é o mundo doméstico”. (BUITONI, 1986, p. 50).

Foi também através dessa revista que os temas sobre sexo começaram a ser mencionados de forma profunda nos anos 1960.

Mas foi na década de 1970, com a disseminação da pílula anticoncepcional, que aumentou a curiosidade sobre sexo. Nesse período o sexo era o assunto recorrente nas revistas femininas.

Um desses veículos que aborda esse assunto abertamente foi a revista Nova, criada 1973, para leitoras solteiras ou casadas que possuíssem em comum ambições na profissão e uma certa liberação sexual.

Uma mulher mais “liberada”, que não pensa em casamento, necessariamente. É uma revista com uma linha mais “feministas”, por vincular uma ideologia voltada para a mulher como ponto principal, só que ainda dentro de uma perspectiva totalmente consumista, exacerbada com doses de sofisticação. A princípio, parece ser uma publicação que defende a mulher; mas no fundo, serve mais para promover a integração na sociedade de consumo. (BUITONI, 1986, p. 106).

Apesar, de toda história de luta travada pelas mulheres em busca do seu espaço, e que vem se processando durante anos, a imprensa feminina trabalha visando torná-la apenas consumidora e não pensadora.

4 DÉCADA DE 70

Debruçando-se nessa década percebem-se os enormes acontecimentos que fizeram desse período um dos mais extraordinários, devido às mudanças que ocorreram no campo político, econômico, cultural e etc. Foi nessa década, que as tensões geradas pela II Guerra Mundial e também da Guerra Fria entre as potências mundiais, começaram a diminuir. Encadeiam-se novos relacionamentos entre os países com base na distensão.

“Se nos anos anteriores a humanidade enfrentara a ingrata tarefa de ‘aprender amar a bomba’, nos anos 70 aprende as vantagens incomparáveis da distensão.” (ENCYCLOPÉDIA, 1980, p. 17).

Em 1970, foram realizadas várias conferências, além de alguns protocolos assinados, tudo isso, visando firmar um acordo de paz entre as nações.

Celebrou-se a Conferência de Helsinki sobre a segurança e a cooperação na Europa, um encontro sem precedentes dos dirigentes máximo de 33 Estados europeus, Estados Unidos e Canadá – uma demonstração viva da real possibilidade de entendimento e honesta colaboração entre nações com regimes sociais francamente confiantes. (ENCYCLOPÉDIA, 1980, p. 16).

Porém, foi entre 1972 a 1975 que houve maior acordo firmado entre americanos e soviéticos. Essa distensão política gerou outras distensões como na economia e na área militar.

“Pela primeira vez na história, coloca-se certo limite nos armamentos que constituem o potencial militar das duas maiores potências do mundo.” (ENCYCLOPÉDIA, 1980, p. 19). Entretanto, somente em 1975, entra em vigor a primeira medida proibindo as armas bacteriológicas.

Outros acontecimentos mundiais no seio político foram bastante significativos, nessa década, como, em 1973, período que estoura a Guerra do Yom Kippur. No entanto, o uso da política de distensão foi crucial para o fim dessa guerra.

Outro fator que vale ressaltar foi quando a ONU aprovou a Declaração sobre o estabelecimento de uma nova Ordem Econômica Internacional, o Programa de Ação para o estabelecimento desta Nova Ordem e a Carta dos Direitos e Deveres dos Estados, em 1974. No âmbito econômico, houveram-se, também, transformações nesse período. “Na década de 70, a humanidade assistiu ao agravamento dos problemas econômicos, financeiros e sociais, cujas soluções foram negligenciadas nas décadas anteriores”. (ENCYCLOPÉDIA, 1980, p. 19).

Em 1973, o mundo viveu momento de altíssimas inflações, devido à crise do petróleo. O barril de petróleo aumentou quatro vezes mais no período de 1973 a 1979.

Outros problemas que afetaram a economia foram à presença das Multinacionais, já que exerciam “[...] o domínio [...] na produção mundial de bens e serviços e a capacidade de transferirem obrigações fiscais de um país para outro, além do poder de alterarem as relações de troca e as correntes de comércio na economia mundial e de promoverem desequilíbrios em balanças comerciais e de pagamentos, desordens cambiais e inflação. (ENCYCLOPÉDIA, 1980 p. 48).

Porém nos anos 70 houve a integração da economia mundial, devido à participação econômica do 3º mundo, a difusão do poder financeiro e tecnológico e a interação dos países socialistas com os países ocidentais.

A década de 70, não só politicamente e economicamente foi marcado por transformações. O âmbito cultural também teve seu papel importante nesse período.

É nessa década, que o cinema passou a usar com frequência temas sobre o social, como no filme “A laranja Mecânica. Filmado em 1971 por Stanley Kubrick, a partir da novela ,e Anthony Burgess, pode ser encarado com o principal deflagrador dessa tendência, de acordo com a Encyclopédia 1980, p. 70). E foi no momento que ressurgia o cinema de ativismo político.

[...] com obras significativas como Investigação Sobre um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita (1970), Sacco e Vangetti (1971), A Classe Operária Vai ao Paraíso (1971), O Caso Mattei (1971), que viriam a se juntar às do grego Costa-Gravas, autor de Z, alterando então seus ataques à intolerância da esquerda e da direita com filmes como A Confissão (1970), e Estado de Sítio (1973). (ENCYCLOPÉDIA, 1980, p. 70 - 71).

No entanto, para o cinema norte-americano essa década foi bastante rentável, dos dez filmes mais lucrativos oito foram produzidos por eles, como, Guerra nas Estrelas, Tubarão, O Exorcista, Um Golpe de Mestre, O Poderoso Chefão, Encontros Imediatos do Terceiro Grau, Os Embalos de Sábado à Noite.

Falando-se de teatro, não se pode dizer que foi um dos melhores momentos. “A década de 70 no teatro mundial não tem por enquanto identidade própria [...]”. (ENCYCLOPÉDIA, 1980, p. 79), já que os temas apresentados nesse período era uma continuação dos anos anteriores. No entanto o que caracterizou o teatro nessa época foi a parada para repensar o que estava sendo produzido, sentindo-se urgências por novas criações.

Diferente do teatro, a televisão viveu seu auge de expansão nos anos 1970, período de presença constante nos domicílios. Porém, apesar dessa popularização esse veículo permaneceu sob o domínio da elite política, econômica e muitas vezes do estado, por notar o grande valor desse veículo como instrumento de divulgação ideológica.

Pensando-se em Brasil, a década de 1970, também obteve notórias transformações. Nota-se bem esse estágio com a frase declarada pelo presidente. ‘O Brasil vai bem, mas o povo vai mal.’ Regido pelo presidente Médici, o país passava por avanços econômicos, enquanto que a população sofria um período de maior repressão da história.

[...] país ainda mais repressivo do que fora na época do Estado Novo. Nunca houve tanta censura à imprensa, nunca houve tanto cerceamento às liberdades individuais e de pensamento. E nunca se escutaram tão poucas críticas a não ser quando espocavam os tiros disparados pela guerrilha urbana e rural (dos quais Médici veria o apogeu e a decadência). (BUENO, 2005, p. 376).

E foi em 15 de março de 1974 que o general Ernesto Geisel assumiu a presidência, com proposta de abertura lenta, gradual e segura. Porém,

O general Médici não quisera ter como sucessor o general Geisel, um homem de linha castelista, contrário ao pode desorbitado do ‘sistema’. Mas, teve que admiti-lo sob pressão do seu ministro do exército, general Orlando Geisel, irmão do futuro presidente. (ENCYCLOPÉDIA, 1980, p. 35).

Com o poderio na mão, Geisel busca distensão no seu governo. Uma das medidas tomadas foi a suspensão da censura prévia à imprensa escrita em 1975. Outra medida importante para distensão foi a extinção do Ato Institucional AI-5.

Apesar dessas medidas, morreu. Naquele ano, o jornalista Vladimir Herzog, na cela do DOI-CODI de São Paulo, no que resultou na primeira manifestação pública desde a adoção do AI-5.

Com base na caracterização da abertura de Geisel, assim seguiu o governo João Baptista Figueiredo, o último presidente do regime militar. Nos seis anos desse governo, a economia e o povo foram tremendamente mal. Deve-se a isso, às políticas econômicas mal elaboradas e à crise internacional do petróleo.

Apesar do Brasil, nesse período, está estar entrelaçado em um momento de grandes censuras, onde a liberdade de expressão e pensamento eram podadaos numa linha dura do regime em questão, mesmo assim, a cultura procurava sempre driblar esses obstáculos. Nota-se isso pelo “[...] desenvolvimento da pornochanchada-eufemisticamente, ‘comédia erótica’ – que ganhara as telas sistematicamente desde o início da década.” (ENCYCLOPÉDIA, 1980, p. 72 - 73).

Em 1977, foram lançados alguns filmes que tiveram bons retornos lucrativos como: A Dama do Lotação, Xica da Silva ou Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia. Outro filme brasileiro que alcançou recorde de bilheteria foi “[...] Dona Flor e Seus Dois Maridos, dirigido por Bruno Barreto.” (ENCYCLOPÉDIA, 1980, p. 73), marcando o auge das potencialidades comerciais do cinema feito no Brasil.

“No teatro, dezenas de peças foram vetadas, entre as quais *Roda Viva*, de Chico Buarque, pela ‘aplicação dos mais comezinhos princípios do comunismo’.” (BUENO, 2005, p. 395).

Porém, foi à peça ‘*Um Grito Parado no Ar*’ de Guarnieri, expondo as repressões sofridas pelos artistas que marcou a abertura para dramaturgia em 74. Nesse período surgem as criações por grupos, baseado na vivência pessoal dos jovens artistas contrapondo toda tradição. Nasce assim alguns sucessos de bilheteria como: [...] *Gaiola das Loucas*, *Pippin* e *Constantina* [...]. (ENCYCLOPÉDIA, 1980 p. 81).

Outro veículo cultural que sofreu com esse regime ditatorial foi a TV brasileira, que, nos primeiros anos da década de 1970 submeteu-se a uma forte censura. Para se ter uma nítida visão,

[...] entre 1973 e 1978, só a TV Globo, por exemplo, embora sempre afinada com o regime, chegou a receber 270 ordens de censura a maioria por telefone. Uma delas chegou a vetar a divulgação de uma reportagem sobre um surto de Meningite, a qual o alerta à população era feito pelo próprio Ministro da Saúde. (BUENO, 2005, p. 394).

Não só o que era veiculado na TV era censurado, também vários livros como “*O Machão*, de Marold Robens e o *Relatório Miste*, além de ensaios do sociólogo Fernando Henrique Cardoso.” (BUENO, 2005, p. 394).

No entanto, a TV brasileira apesar das censuras, como a da novela *Roque Santeiro*, de Dias Gomes, obteve seus pontos altos.

Nos anos 70, a TV Globo entra em cena produzindo novelas que literalmente pararam a Nação: *Irmãos Coragem*, *Selva de Pedra*, *o Bem Amado*, *Gabriela*, *Saramandaia*, *Estúpido Cupido*, *o Astro* (Quem matou Salomão Ayala?) *Dancin Days*, que deflagrou a febre das discotecas [...]. (BUENO, 2005, p. 393).

Já em Sergipe, a década de 1970 inicia-se com o governo Lourival Batista. Não diferente do que sentia-se aqui, a repressão do regime militar estava presente. Foi o momento em que várias esferas da camada social foram atingidas pelo AI-5, sucedendo várias prisões.

Vários outros cidadãos que haviam sido presos nos primeiros anos do movimento voltaram a ser convocados para depor. Entre os professores, três dos mais conceituados mestres da Faculdade de Direito, quais sejam, Gonçalo Rollemberg Leite, José Silvério Leite Fontes e José Bonifácio Fortes Neto foram intimados a comparecer ao 18º BC, onde o comando os inquiriu, tentando saber sua opinião sobre o AI-5 e depois os libertou. (DANTAS, 2004, p. 99).

Apesar disso, sua política econômica foi marcada por ostentação devido às mudanças da legislação tributária a que levou disponibilização de recursos para reabilitações de construções e investimentos em saneamento.

Segundo Dantas (2004), foram construídos estádio de futebol, edifício de 28 andares, colégios, posto de saúde, rodovias e conjunto habitacional, além de ampliar a rede elétrica no interior e implantar o Distrito Industrial.

Aponta-se em 04 de Junho de 1970, o governo João Andrade Garcez para cumprir um mandato de 10 meses, por delegação da presidência da república. Com seu próprio secretariado, realizou obras importantes para o Estado, como a preparação para o Porto, construção da adutora para o Sertão, além de impedir a transferência da Petrobrás para Salvador.

Já governo Paulo Barreto de Menezes, que assume o cargo em março de 1974, apesar de não possuir experiência política partidária, priorizou a execução de obras.

Apoiou a elaboração e a realização de planos feitos principalmente pelos técnicos na CONDESE - Conselho de Desenvolvimento de Sergipe.

Foi o autor da “[...] primeira grande reforma administrativas do Estado. Começou a implantar o Distrito Industrial de Aracaju. Os investimentos provenientes do Banco Nacional de Habitação prosseguiram. A energia pelo interior expandiu-se ao tempo em que estádios de futebol eram construídos. Foi criado a Telergipe, implantando novo sistema de telefones. No campo, o FUNRURAL ampliava o sistema de aposentadoria, favorecendo o homem do campo e práticas assistencialistas.” (DANTAS, 2004, p. 190).

Foi na política de extensão do General Geisel que José Rollemberg Leite assumiu o cargo executivo no Estado de Sergipe, em 15 de março de 1975. Em seu governo procurou atender os objetivos técnicos visando o desenvolvimento do estado. Fez a substituição do Banco do Estado, renovou a secretaria da justiça e resistiu muitas vezes às imposições dos órgãos de segurança.

Foi nesse momento que a Assembléia Legislativa voltou a ser palco de debates com participação ativas dos parlamentares oposicionistas, os jornais deram mais espaços a oposição, houve a reabertura do Diretório Central dos Estudantes (DCE).

Apesar do início da distensão, os instrumentos coercivos não dão trégua.

Dentro de ação de âmbito nacional, voltada para debilitar o Partido Comunista Brasileiro, realizou-se em Sergipe a chamada Operação Cajueiro. Forças da Polícia Federal, do DOPS e do DOI - CODI, em fevereiro de 1976 desencadearam a prisão de cerca de 30 militantes do PCB, que foram torturados brutalmente chegando a um dos a ficar cego, sendo solto após cinco dias, 11 presos e os demais 19 permaneceram por dois meses atrás das grades incomunicáveis sofrendo sessões de torturas diárias, e em paralelo eram processados e julgados. Era o exemplo mais candente do clima de ameaças e incertezas. (DANTAS, 2004, p. 192-193).

Finalizando esta década, Sergipe, sob o governo de Augusto Franco e em seguida por Djenal Queiroz, assiste a distensão e ao fim do governo militar.

O campo cultural em Sergipe foi bastante significativo. Como o do cinema, que apesar das limitações obteve grandes participações.

A realização do Festival Nacional de Cinema Amador em Sergipe, em 1972, distribuindo prêmios, representou novo incentivo. Foi-se formando um público interessado, e o pequeno curso promovido pela Escola Técnica Federal de Sergipe foi bastante concorrido. Os estudantes do Colégio Ateneu fundaram seu Cineclub. Através dos FASC, promovidos pela UFS, aconteciam anualmente encontros nacionais de cinema, incentivando cursos e distribuindo prêmios. Pouco depois Sergipe participava da I Bienal Internacional de Cinema Amador, onde algumas fitas de sergipanos foram bem classificadas. A própria UFS passou a promover anualmente Festival de Cinemas e concursos de Roteiro Cinematográfico e Festivais Nacionais de Cinema Amador – FENACA. (DANTAS, 2001, p. 220-221).

No teatro, a válvula também estava acessa nesse período. Pois apesar do sufocante movimento de repressão, vários grupos despontaram nessa década em Sergipe.

Em 1977 nasceu o grupo Imbuça, influenciado pelo Teatro Livre da Bahia, inspirando-se na literatura de cordel, especializando em teatro de Rua com garra e embasamento técnico, fatores que haveriam de fundamentar sua trajetória de sucesso e reconhecimento. Por esse tempo, outros foram surgindo como Mamulengo do Cheiroso (1978) de Aglaé Fontes de Alencar. (DANTAS, 2004, p. 220).

Pode-se dizer que esse período cerceou as artes, pois além dos temas abordados acima, os escritores também,

Marcaram presença como o grande pesquisador Jackson da Silva Lima com a História da Literatura Sergipana (1971) e O Folclore em Sergipe I: Romanceiro (1977), [...] e Pires Wynne (1970 e 1973) com suas Histórias de Sergipe. (DANTAS, 2004, p. 222).

Em todo âmbito, várias transformações fizeram-se presente, na década de 1970. Vários acontecimentos mostram a verdadeira face desse período de mudanças, como a do ano de 1975, considerado o Ano Internacional da mulher. Um dos motivos que chamou a atenção para a realização deste artigo.

5 ANÁLISE DE RESULTADOS

O artigo aborda a década de 1970, época da ditadura militar, sendo este um período de censura e muito repressivo. Vários setores sofreram esse momento, um deles foram os meios de comunicação, onde a censura foi bastante rigoroso. No entanto, existiam as impressas alternativas, que tentaram driblar este poderio e publicaram questões que falavam contra o regime contendo essas impressas a participar dos movimentos militantes, inclusive os movimentos feministas que foram crescentes nesta década onde houve grande participação social da mulher. Entretanto devido às fortes fiscalizações e o medo de serem torturadas e até mesmo assassinadas muitas prisões, não retiam o material para si e sem falar na qualidade de material eram destruído pelo governo. Isso explica a dificuldade em encontrar material nos arquivos públicos que registrassem qualquer movimento contra a ideologia do regime.

Por isso foram selecionadas algumas mulheres para falar sobre o regime da época e suas participações e vivenciais no período.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto neste trabalho, mostrou-se, em primeiro lugar, que, através de contextualização teórica, notou-se a presença de mulheres que lutaram, e ainda lutam, para firmar-se em um lugar melhor na sociedade.

Outro ponto é a questão da imprensa que, durante muitos anos, contribuiu para legitimar a exclusão da mulher. Mas foi na década 1970, por conta da censura e também para atender aos anseios capitalistas, que essa situação aumentou.

A fim de desmistificar a possível cultura de que as mulheres sergipanas estivessem na história apenas como donas de casa, fez-se necessário entrevistar algumas sergipanas (ver nos Apêndices), para afundar de vez esse conceito chulo. Pois, apesar da discriminação que elas vêm sofrendo durante muitos anos, e ainda sofrem, e conseguiram lutar pelos seus direitos em um período de censura. As mesmas obtiveram êxito e driblaram um pouco essas turbulências, fazendo-se, notoriamente, presentes no contexto cultural da história de Sergipe.

Analisou-se, também, que, na década de 1970, apesar de ser um tempo de ditaduras militares, o mundo passava por transformações muito significativas, tanto no campo político, econômico e social, quanto no trato feminino, que, a partir dessa década, quando as mulheres começaram a ter uma maior participação na sociedade, seja através da luta armadas nas guerrilhas ou através de voz ativa nas ruas ou em instâncias associativas e sindicais.

Não se pretende, aqui com esse artigo, destacar apenas o papel de Anita Garibaldi, forçando mulheres a lançar armas na mão e lutar e gritar pelos quatro ventos seus direitos. Nem transformá-las em Maria Quitéria de Jesus, que se disfarçou de homem e foi combater os portugueses na Bahia. Entretanto, almejou-se uma reflexão sobre a condição da mulher na sociedade, através de um artigo científico, a partir de uma pesquisa sobre o assunto, sendo considerado, também, aplausível, já que será bastante proveitoso como objeto de estudo para outros investigadores.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002 (Descobrimos o Brasil).
- ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural: Editora Brasiliense, 1985.
- ANOS REBELDES. **Seriado – TV Globo – 1992 / 2003**
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BITTONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. **Mulher de papel**. São Paulo: Loyola, 1981.
- COSTA, Licurgo. **História e evolução da imprensa brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1999.
- DANTAS, IBARÊ. **A tutela militar em Sergipe; 1964/1984: partido e eleições num estado autoritário**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- _____. **História de Sergipe: república (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- DUARTE, Geni Rosa. **Sons de São Paulo: a atividade radiofônica paulista nos anos 1930 / 40**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Vol. v. 8, No n. 2 (2003), Artigos.
- ENCYCLOPÉDIA BRITANICA DO BRASIL. **A década de 70**. São Paulo: Rio de Janeiro, 1981.
- HINGST, Bruno. **Uma visão histórica da televisão no Brasil**. São Paulo: Líbero, 2004.
- JORNAL O POVO. (Vida e arte. Jornal O Povo, 29 de Abril de 2007, 05.01, reportagem: Entre sem Bater. Disponível em: Internet.
<<http://www.pvceara.org.br/opinioes/texto.asp?id=4&var=artigos&c=opinioe>>. Acesso em: 10 nov. 2009.
- MELO, José Marques. **História social da imprensa**. São Paulo: Paulus, 2003.
- PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 1995.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro. 4.ed., Mauad, 1999.
- SWAIN, Tânia Navarro. **Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas femininas**. São Paulo, Perspec. 2001.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1993.

TÔRRES, Acrísio. **Imprensa em Sergipe**. Brasília, Poder Legislativo Senado Federal. Centro Gráfico, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Fotos

Foto – Abrahão Filho

Tire a venda se defenda

Foto 01 - Tire a venda se defenda, Maria José Santos Nascimento



Foto: Abrahão Filho

Foto 02 - Aglaê Fontes (escritora)



Foto: Abrahão Filho

Foto 03 - Laura Maria Ribeiro (professora)



Foto: Abrahão Filho

Foto 04 - Josefa Vieira de Melo (líder comunitária Coroa do Meio)



Foto: Abrahão

Filho

Foto 05 - Ligia Sales de Campos (professora)

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Entrevista / Função

Laura Maria Ribeiro Marques / Professora de História

Data: 01/10/2009

Local: Edifício de Sergipe.

2. Entrevista / Função

Josefa Vieira de Melo / Líder comunitária

Data: 01/10/2009

Local: Na sua residência, localizado no Bairro Coroa do Meio.

3. Entrevista / Função

Ilma Fontes / Médica, jornalista e roteirista

Data: 01/10/2009

Local: Na sua residência, localizado na Avenida Ivo do Prado.

4. Entrevista / Função

Ligia Sales de Campos / Professora Português e Literatura

Data: 13/10/2009

Local: Na sua residência, localizado no Bairro Atalaia.

5. Entrevista / Função

Rosângela Dória / Jornalista

Data: 13/10/2009

Local: Na Assembléia Legislativa do estado de Sergipe.

6. Entrevista / Função

Aglaê Fontes / Escritora, pesquisadora e professora

Data: 13/10/2009

Local: Na Academia Sergipana de Letras.

As entrevistas foram divididas em duas partes, sendo a primeira no dia 01/10/2009 com três mulheres e o segundo dia 13/10/2009 com mais três mulheres, totalizando seis entrevistadas. As entrevistas foram marcadas com um mês de antecedência, sendo confirmadas com as mesmas. Tudo ocorreu dentro dos conformes, sendo pontual no horário marcado de cada entrevista. O foco, principal das entrevistas foram à vivência dessas seis mulheres sergipanas no período da década de 70.

APÊNDICE C

DEPOIMENTOS DAS ENTREVISTADAS

Laura Maria Ribeiro Marques (professora)

Foi realmente um momento muito difícil na história do nosso país. Desde 64 com o golpe militar. Vocês devem saber, nosso país viveu uma ditadura nos fins de 60 acudiu um movimento estudantil e foi aí que começou a participar do movimento estudantil em 68. Fomos para o congresso da UNE. Um congresso que foi interditado, as polícias prenderam todos os estudantes, então um congresso nacional e nós fazíamos parte da representação em Sergipe. E a partir daí participaram do movimento da UNE e participaram dos movimentos estudantis.

Eu e meu esposo mais ou menos em 70 mais precisamente em 71, que era justamente o momento na AI5, no instituto Ato 5. Tudo era proibido, inclusive correr o risco de sermos expulso da faculdade. Meu marido foi presidente do diretório Acadêmico de Direito e eu da faculdade de filosofia, eu fiz licenciamento em história. Era faculdade de filosofia. Então tivemos que sair do país, fomos exilados, fomos para União soviética, mas o pior foi à volta, porque antes nós fomos presos, meu marido foi mais preso do que eu, até teve mais prisões do que eu. Aí quando nós voltamos da União Soviética. Então naquela época, eles nos prenderam porque souberam que agente tinha ido, então eles queriam saber o que agente tinha feito lá. Eles queriam saber se haviam algum brasileiro e nós afirmamos que não. Que haviam estudantes de outros países. Difícil até porque no momento tínhamos que negar, não podíamos dizer e nem reconhecer que agente participava de algum partido ilegal. Tudo agente tinha que nega.

Após a ditadura, época da anistia sugeriram movimentos de mulheres. Década de 80, nós mulheres já estávamos tomando a frente do movimento mesmo ainda na repressão percebia o movimento de mulheres. Não só de mulheres, mais as mulheres participando em movimento estudantil, sindical os camponeses. Agora não era uma participação tão grande como os homens.

Josefa Vieira de Melo (líder comunitária Coroa do Meio)

Nós lutamos 5 anos, de briga e de muita luta. A marinha não queria nos deixar aqui. A Emurb negociou, não queriam que nós morrassemos aqui, de forma nenhuma. E era derrubada de barraco. Em 1978, Dr Heráclito mandou derrubar os barracos. Eles derrubavam pelo dia e nós se reuníamos todo mundo e pela noite nós fazíamos os mesmos barracos. Amanhecia o dia e os barracos estavam todos feitos. Ele dizia, mas são umas pestes, ninguém pode afastar esse povo daqui.

Rosangéla Dória (jornalista)

As mulheres tiveram avanços significativos na história do Brasil, seja nos campos onde normalmente elas não estariam no parlamento por exemplo, no judiciário em algumas áreas eram essencialmente masculina. Ainda si, temos dificuldades com a questão da remuneração e ainda existem setores onde a representatividade feminina ainda é pequena. Ainda temos que caminhar muito, mas ainda chega lá.

Ilma Fontes (jornalista)

Junto com a censura da ditadura, tinha também a questão do preconceito. Essa história de mulher ocupando certos postos.

Foi um funil que se foi estreitando, principalmente no governo Médici e a coisa pesou mesmo. A imprensa em se e no Brasil era aquela imprensa do elogio. O elogio falso, não se criticava nada. Qualquer notinha que você desse contra a ditadura, cabeças rolariam.

Lígia Sales (professora)

Era um momento muito difícil para gente dar aula. Porque tínhamos que ter muito cuidado nos pronunciamentos, tínhamos que nos pronunciar com cautela. Não podíamos falar, porque em todo e em todos os colégios havia o dedo duro.

Aglaê Fontes (escritora)

As peças todas passavam pela censura. A censura era exercida pela polícia federal. Tudo aquilo que você escrevia, e fosse apresentado, você tinha que mandar o texto para o

visto da polícia federal, que não tinha nenhuma formação intelectual. Os trechos eram censurados, você ensaiava com um representante com o texto na mão com os cortes feita pela polícia federal.